

# Micro-histórias na pandemia

“**R**afinha é uma criança grande, gorducha e de temperamento agradável. Com cinco anos, é calminho e sorridente, mas custou a conseguir acesso às terapias. Quando finalmente passou a ser visto como prioridade no sistema de saúde, os esforços foram abruptamente interpelados pela pandemia de covid-19. Profissionais de saúde voltaram-se para o tratamento da imensa quantidade de pessoas contaminadas pelo novo vírus. Alguns médicos e terapeutas foram dispensados das clínicas de reabilitação. Serviços terapêuticos foram encerrados. Rafinha agora fica gripado com mais facilidade, anda mais molinho, esquece alguns aprendizados.”

“Era uma tarde de calor na capital potiguar e Neusa observava a filha caçula, Viviane, dar longas braçadas na piscina com o auxílio da treinadora. Ao voltar para casa e ligar a TV, ouviu no noticiário sobre a disseminação do novo coronavírus. Mulher de fé, rezou para que o Brasil não fosse tão afetado pela doença. Agora, com os três filhos em casa devido à suspensão das aulas, a rotina doméstica se intensificou. O marido continuou trabalhando fora, mas o receio de contaminar alguém da família tornou a convivência distante. Além da solidão, da ansiedade e da sobrecarga, Neusa também passou a se preocupar com uma possível regressão de Viviane.”

“Ieda é uma mulher de 26 anos e mãe de quatro crianças. A epidemia de covid-19 não é a primeira que enfrentam. Em 2015 receberam o diagnóstico de que Ruan nasceria com microcefalia em decorrência da infecção pelo vírus zika durante sua gestação. A crise sanitária vivida em 2015 fez com que Ieda e muitas mulheres se politizassem e reivindicassem os direitos de seus filhos junto ao Estado. Recentemente, foi contemplada com o Auxílio Emergencial. Na fila, teve medo de que sua locomoção pela cidade a fizesse transmissora do vírus para o filho. A necessidade falou mais alto. Quando conseguiu fazer o saque, aproveitou que estava com um pouco mais de dinheiro para comprar em maior quantidade os itens da cesta básica, o leite das crianças e o material para produzir seus bolos, salgados e doces.”

Os parágrafos acima são trechos de histórias escritas por Júlia Vilela, Thais Valim e Barbara Marques para o blog “Microhistórias”. Elas fazem parte da equipe coordenada pelas antropólogas Soraya Fleischer e Raquel Lustosa, em uma nova pesquisa que surge como um desdobramento da anterior e, desta vez, pretende avaliar o impacto da covid-19 na vida das famílias que já haviam sido afetadas pela epidemia de vírus zika. “É como se elas voltassem no tempo e se vissem novamente naquele momento de incertezas”, diz Raquel, em entrevista à *Radis*. Para a pesquisadora, as consequências da covid vêm se mostrando desastrosas para essas mulheres. Não bastassem o medo de expor as crianças com microcefalia

aos perigos do novo coronavírus, além da perda de renda e o desgaste emocional provocados pelo distanciamento social, essas mulheres passaram a enfrentar a interrupção dos serviços de reabilitação.

É verdade que, mesmo antes da pandemia, esses serviços vinham rareando. Em Pernambuco, Raquel acrescenta que já havia escassez de neurologistas, uma especialidade essencial para acompanhar o desenvolvimento das crianças. “Mas com a pandemia isso se agrava ainda mais”. Houve também falta de medicamentos e do leite especial, por exemplo. “Todas essas questões somadas fazem com que as crianças comecem a desenvolver um quadro de regressão, com muitas crises convulsivas”. Além disso, há ainda outro motivo de preocupação ressaltado pela pesquisadora. “Até a chegada da pandemia, essas mulheres conseguiam renda extra, afinal o valor do BPC não cobre as necessidades da criança diante dos medicamentos de alto custo e de todos os utensílios terapêuticos”. Com o distanciamento social, elas perdem a renda alternativa, deixam de confeccionar produtos ou vender comidas, uma vez que estão sobrecarregadas dentro de casa e ao mesmo tempo não podem sair, acrescenta a pesquisadora. “É preciso pensar nessa questão historicamente e valorizar o trabalho de cuidado dessas mulheres. Em um momento como esse vivido agora em uma pandemia, fica muito latente que elas ficam mais vulnerabilizadas do que qualquer outra pessoa”, conclui Raquel.

No meio do caos, as mães encontraram alívio nas outras mulheres. Ficaram em casa, mas não imobilizadas. Correram para a internet, aprenderam a fazer *lives*. Em um dia, chamavam profissionais de saúde para orientar nos cuidados das crianças. Noutro, trocavam experiências e desabafos. O efeito foi imediato. Depois de assistir a um desses vídeos organizados pelas mães nas redes sociais, uma fonoaudióloga se comoveu com a fala de uma delas sobre as fortes crises espasmódicas da filha desde que as terapias foram interrompidas. “Após a live, a fonoaudióloga ficou mexida, entrou em contato com essa mãe e se disponibilizou voluntariamente para ir até sua casa estimular a menina, da mesma forma como eram feitas as terapias com as crianças cujas famílias possuíam renda para pagar por um serviço personalizado”, escreve ainda Júlia Vilela em seu texto para o blog “Microhistórias” — página que reúne relatos testemunhais sobre ambas as pesquisas e em breve deve ser transformada em livro. Em tempo: a fonoaudióloga atendeu não apenas essa mãe e sua menininha, mas começou a prestar o serviço a muitas outras crianças. (ACP)

■ Conheça as histórias de Rafinha, Viviane e Ruan, que abrem este texto, entre muitas outras: <https://microhistorias.wixsite.com/microhistorias>.

# ia de covid-19



FOTOS: AMANDA ANTUNES.



Pesquisa acompanhou o cotidiano das mães e crianças em casa, na rua, nas terapias de reabilitação e outros espaços.

## A BUSCA DA CIÊNCIA POR RESPOSTAS

Pesquisas das mais variadas áreas de conhecimento se debruçaram sobre o fenômeno em busca de respostas. “Era uma situação excepcional, que exigia rapidez na elaboração e condução de investigações epidemiológicas”, declarou a médica Celina Turchi, em entrevista exclusiva à Radis, em 2016. Pesquisadora visitante do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/Fiocruz Pernambuco, Celina esteve à frente do Grupo de Pesquisa da Epidemia da Microcefalia (Merg), que reuniu uma rede de profissionais e investigadores de diversas instituições. Para ela, a emergência sanitária vivida à época deveria soar como um alerta. “Sempre que somos confrontados por uma epidemia, vemos que as iniquidades e desigualdades aparecem como um elemento de peso nessas tragédias”, disse. Pensando em ampliar um esforço conjunto e produzir pesquisas, em 2016, a Fiocruz instituiu a Rede Zika Ciências Sociais, com foco principalmente nas repercussões e consequências da epidemia do zika na ciência, na saúde e na sociedade. Desde então, a Rede vem investigando os processos sociais, políticos e epistemológicos decorrentes daquele momento. 